

“eu mesmo sou lulu, lobo e sou raposa”: poesia, técnica, experiência

Artur de Vargas Giorgi¹

1933, desilusão e fidelidade

476

Em janeiro de 1933, Hitler ascende à chancelaria da Alemanha. No mesmo ano, em sete de dezembro, Walter Benjamin publica no jornal de curta duração *Die Welt im Wort* (*O mundo na palavra*), editado em Praga, o ensaio “Experiência e pobreza”. O texto de Benjamin, que se inicia com a lembrança e o silêncio em torno da Primeira Guerra, reforça a intervenção no seu presente ao se encerrar com a seguinte advertência: a “crise econômica está diante da porta” e “atrás dela está uma sombra, a próxima guerra” (1994, p. 119). Ou seja, “Experiência e pobreza” é um ensaio que aposta na possibilidade de organização do pessimismo, na necessidade de agenciamento coletivo de uma nova barbárie, encorpada pela privação da experiência e pela exaustão da cultura; mas isso, acredito, apenas na medida em que é também um ensaio de ruptura, uma sorte de cesura, ou seja, é um gesto que intervém por meio da suspensão do andamento da história. Vale para o ensaio o que ele salienta nos “novos bárbaros” sobre os quais se detém: “Sua característica é uma desilusão radical com o século e ao mesmo tempo uma total fidelidade a esse século” (1994, p. 116). Como o anjo da história de Klee, o texto nos faz encarar as ruínas do passado enquanto

¹ Universidade Federal de Santa Catarina.

somos arrastados para a violência do futuro, isto é, para o que tantas vezes foi chamado de progresso.

Ainda nesse mesmo ano de 1933, aliás poucos dias antes da publicação do ensaio de Benjamin, mais precisamente em 22 de novembro, o médico e poeta Jorge de Lima publica um poema num outro jornal, o *Estado de Minas*. O poema se intitula “Mamãe máquina”² e assinala um gesto afim – desilusão e fidelidade, a um só tempo:

MAMÃE MÁQUINA

Libertei-me do ar,
Libertei-me do fogo,
Libertei-me da água,
Libertei-me da terra.
Sou escravo da máquina.

Transformo lobo em cão doméstico,
transformo raposa em lulu,
transformo, venço, faço tudo, tudo,
pois eu mesmo sou lulu, lobo e sou raposa,
e sou escravo da máquina
e sou escravo da máquina.

Ando na água, ando na terra.
Ando no ar, ando no fogo,
Mas como?
Tomando bênção à Mamãe Máquina.

Bênção Mamãe Máquina!
(LIMA, 1997, p. 820-821)

477

Tudo parece estar condensado nesses versos. O título, aliás, poderia vir na forma de diagnóstico: sofremos do mal-estar na civilização, isto é, do recalque implicado na constituição disso que, a duras penas, conseguimos até agora ser: sujeitos aparentemente libertos dos condicionamentos mais elementares, com corpos cuja natureza é, nesse sentido, de segunda ordem;

² Recolhido no volume III da *Poesia Completa*, o poema, um dos “dispersos”, seria traduzido por Ernst Widmer em 1979 para um “Teatro instrumental”. A peça para voz soprano e três percussionistas foi composta para o Grupo “Percussão Agora” e teve sua estréia em 26 de agosto de 1980, em Köln, no festival *Begegnung mit Brasilien*. Ernst Widmer (Aarau, Suíça, 1927 – Salvador, Bahia, 1990), compositor, regente, pianista, chega ao Brasil em meados dos anos 1950, a convite de Hans-Joachim Koellreutter, para compor o corpo docente dos Seminários Livres de Música, núcleo criado da Universidade Federal da Bahia que logo originaria a Escola de Música e Artes Cênicas. Cf. *Ernst Widmer 1927 – 1990. Werkverzeichnisse. Zusammenstellung und begleitende Texte*: Willy Brüscheweiler. Aarau: Ernst Widmer-Gesellschaft, 2008.

seres inessenciais, cuja substância deve ser constantemente suplementada; em suma, espécie de deuses protéticos que podem tudo, andar sobre a água, no ar, no fogo, na terra, mas ao preço altíssimo de uma submissão à técnica, a verdadeira quinta-essência da modernidade.

O poema nos adverte: domesticamos o lobo e a raposa, e com isso nós mesmos viramos *lulu*, mascotes conformados a um mundo *pet*, com sua profusão de comodidades e conteúdos inauditos, todos já humanizados à nossa semelhança e plenamente acessíveis, na palma da mão. Mas se podemos, ao que parece, praticamente tudo; se, como querem nos fazer crer, podemos *transformar, vencer, fazer tudo, tudo*, isso é porque somos, já éramos então, sobretudo, escravos da máquina. Eis a ilusória promessa de emancipação, cifrada no poema; promessa tantas vezes exposta e criticada como uma das formas mais perversas da modernolatria, isto é, da naturalização do desenvolvimento técnico como equivalente de progresso.

478

“Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem”, escreveu Benjamin em seu ensaio; e se “essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade”, quem sabe consigamos sobreviver à cultura, apostou o filósofo (BENJAMIN, 1994, p. 115). A questão é que, talvez, o horizonte não tenha mudado tanto assim; não parecemos realmente saciados nem exaustos após termos “devorado” tudo, a “cultura” e os “homens”. Afinal, conhecemos bem o guloso elogio da circulação sem fronteiras; o elogio insaciável da comunidade global sem hierarquias; da revolução dos afetos e das identidades, das novas intimidades; o elogio do acesso imediato, da autonomia usuária a qualquer hora, da entrega em casa, *just in time*. Conhecemos, em suma, essa face autoritária que, de maneira insidiosa, vale dizer, com o nome de democracia, se apropria de nossas disposições e de nossos desejos; um autoritarismo que capitaliza as formas de vida que criamos e transforma toda discussão num problema de escolha entre produtos e serviços (*zoom* ou *meet*, *youtube* ou *instagram* etc.), obliterando assim as questões mais urgentes, que são as questões mais básicas, fundamentais, na verdade.

Para não deixá-las subentendidas, faço questão de pontuar algumas dessas questões, mesmo que a formulação seja atabalhoada. Por exemplo:

todos, de fato, têm acesso? O que acontece com quem não tem? Que tipo de trabalho sustenta o mundo virtual? Quem administra as informações das plataformas? O que fazem com esses dados? A vida nos espaços públicos se intensifica? O pensamento crítico encontra as melhores formas de ressonância? Favorecemos a duração da experiência em comum? As demandas coletivas se fortalecem? Essa nova intimidade, essa estranha intimidade distanciada e tão exposta produz novas formas de subjetivação? Essas formas nos interessam? É um problema a exposição da intimidade de muitos redundar em lucro para pouquíssimos? Enfim, é a vida – qualquer vida – o que mais importa, mesmo? Parto da ideia de que criticar a virtualização do mundo não significa retomar a metafísica da presença. E, nesse sentido, o desafio talvez permaneça inalterado: ainda se trata de organizar o pessimismo; de articular a desilusão e a fidelidade; trata-se ainda de, com as técnicas, submeter a uma crítica fundamental e constante não só as próprias técnicas, mas o que somos, o que fazemos de nós, com elas.

479

Jorge de Lima, crítica e clínica

Gostaria de considerar, a seguir, dois trabalhos publicados recentemente, ambos a respeito de Jorge de Lima. Inicialmente, meu intuito é aproximá-los e destacar certos pontos que, é claro, dizem respeito ao poeta de *Invenção de Orfeu*, mas que, sobretudo, interessam-me na medida em que retomam ou desdobram a discussão sobre alguns impasses da experiência moderna que ainda nos interrogam. Os textos a que me refiro são “Jorge de Lima: ressonâncias”, de Raúl Antelo, publicado em junho de 2020 na revista *Terra Roxa e Outras Terras*, e “Onde é que fica a minha ilha: formação e política racial em Jorge de Lima”, escrito por Antonio Carlos Santos e publicado na revista *Landa*, também no primeiro semestre desse ano.

Não farei uma resenha dos textos, que podem ser facilmente acessados. Não obstante, tentarei ressaltar as linhas gerais das duas pesquisas; tarefa nada simples, aliás, em razão da complexidade dos arquivos mobilizados e do notável fôlego dos dois pesquisadores. Em seu texto, Raúl Antelo se detém em um Jorge de Lima crítico do seu tempo, crítico do positivismo, do rapto da vida pela ciência moderna transformada

em dispositivo de morte e do sequestro da intuição (profunda) pelo intelectualismo maquínico (superficial). Trata-se do escritor intempestivo da coluna “Preparação à poesia”, publicada no Jornal *A Manhã* (suplemento “Letras e Artes”), no início da década de 1950; do leitor de Bergson, de Henri Michaux e, ainda, leitor de escritores argentinos que liam também tais autores e giravam em torno do abstracionismo crítico da revista *Poesía Buenos Aires*³; trata-se do crítico de poetas que lê Martí e trabalha, enfim, uma passagem do presente à duração do passado. Em outras palavras: a exemplo de Mário de Andrade, Jorge de Lima lê os hispano-americanos, e com essa leitura reforça uma teoria da poesia que não dissocia memória, esquecimento e vida; vida abandonada, presente e vida eterna; ou, novamente, desilusão e fidelidade.

Assim, o metafísico consegue atingir verdadeiramente o dom da clarividência, fazendo que resquícios do passado se reincorporem ao presente da consciência, compondo uma personalidade que superestrutura a sua pessoa. Para isto, o seu ser em função da vida eterna sofre duas transformações aparentemente contraditórias: torna-se em nós sangue, olhar, gestos, automatismo, não tem mais nome e não mais se distingue de nós; como que não representa qualquer coisa de já vivido, de decorrido, faz-se irrealidade, esta irrealidade das coisas desaparecidas do curso sensível do tempo; de outro lado, ainda que despojadas do nome que sintetizava as circunstâncias, as condições e as formas de sua realização, aliás, desaparecidas, são estados vivos, modos de

480

³ “Mas não esqueçamos que o texto de Michaux chega ao conhecimento de Jorge pela mediação de *Poesía Buenos Aires*. A tradução, não assinada, foi certamente feita por um dos editores da revista, Raul Gustavo Aguirre (1927-83), tradutor, entre outros, de Mallarmé, o que é, sem dúvida, uma divisória de águas. Sem dúvida, Aguirre e Edgar Bayley eram as duas cabeças visíveis do grupo *Poesía Buenos Aires* (1950-60), no qual figuravam também Wolf Roitman e Nicolas Espiro. Aguirre, particularmente, prefaciou cada um dos dossiês dedicados na revista a uma voz poética marcante, tais como os de Pierre Reverdy (n. 6), Hans Arp (n. 7), e. e. cummings (n. 8), Jacques Prévert (n. 10), Paul Eluard (n. 10), Carlos Drummond de Andrade (n. 15), Juan L. Ortiz (n. 18), Fernando Pessoa (n. 19-20) ou Cesare Pavese (n. 19-20). Mas, sendo o foco principal da revista a questão da imagem, não surpreende que nela haja também frequentes presenças de Tristan Tzara, René Char, Vicente Huidobro, Pablo Neruda, César Vallejo, Murilo Mendes, Francis Ponge, Pierre Reverdy, Jean Cassou, Maurice Blanchot, Alain Bosquet, Leopold S. Senghor, Dylan Thomas, Arthur Rimbaud ou Herbert Read, além de Michaux, claro. O mesmo Aguirre, autor de *El tiempo de la rosa* (1945), *Cuerpo de horizonte* (1951), *La danza nupcial* (1954), *Cuaderno de notas* (1957), *Redes y violencias* (1958), *Alguna memoria* (1960), *Señales de vida* (1962), *Palabras* (1963), *El hombre adulto* (1964), *Viejos amigos* (1967), *La piedra movediza* (1968), *Poemas* (1970), *Incisiones* (1971), *Olas* (1971), *El amor vencerá* (1971), *Cadencias* (1974) e de uma antologia geral de sua obra, *Antología (1949-78)*, explica, numa entrevista, que o grupo, eclético, abordou todos os tópicos de época [...]” (ANTELO, 2020, p. 25).

comportamento, expressões concretas de um estado “atual” em vias de realizar-se, são o ser no sentido pleno da palavra, tempo e eternidade, vida precária e vida perene [...]. (ANTELO, 2020, p. 28-29)

Por outros caminhos, o texto de Antonio Carlos Santos reforça a figura complexa de Jorge de Lima. A leitura nos conduz por uma espécie de história subterrânea, escavando as camadas de uma biblioteca fantasma no arquivo do poeta. O percurso é mobilizado por um texto pouco frequentado, mas que “atravessa toda a obra de Jorge de Lima, desde os *XIV Alexandrinos*, de 1914, ano de seu doutoramento na Faculdade de Medicina, de onde provinha em grande parte a teoria racista de que lançava mão”, “até *Invenção de Orfeu*, um ano antes de sua morte” (SANTOS, 2020, p. 328). Trata-se *Formação e Política Racial no Brasil*, ensaio escrito em 1924, publicado em 1934 na Alemanha tomada pelo nazismo, em alfabeto gótico, por uma editora de extrema-direita de Leipzig, e reeditado, ainda em alemão, em 1951, por uma editora brasileira (Getúlio Costa Editora, Rio de Janeiro).

481

No ensaio, “Jorge de Lima se debruça sobre a estrutura racial para carimbar uma visão otimista que dá às classes dominantes a possibilidade de dizer aos europeus que temos futuro sim” (SANTOS, 2020, p. 328). Dedicado a esse destino glorioso, o texto combate uma visão pessimista sobre o país, visão ligada à suposta degeneração provocada pela miscigenação, e anuncia aos alemães o aprimoramento étnico em curso no Brasil, ou seja, a “gradual arianização de nosso povo e com isso a eliminação das raças inferiores” (LIMA, 1934 *apud* SANTOS, 2020, p. 331). A argumentação se quer baseada em números, com as estatísticas disponíveis no período sobre o crescimento da população; mas se baseia, também, em ficção científica, por assim dizer, como aquela que afirma que o Brasil seria a Atlântida dos mitos europeus, ou a que elogia a antropologia somática e a frenologia, ou ainda o darwinismo social e o naturalismo, que enfim reafirmariam o atraso dos índios, impossibilitados para o monoteísmo e o politeísmo em razão da ausência, neles, de desenvolvimento espiritual. A bibliografia, presente apenas na segunda versão do ensaio, não deixa dúvidas no leitor: reforça em largos traços o “signo de uma certa

conformação do campo intelectual da época, dominado pela ciência positivista que entrava no Brasil pelas faculdades de Medicina, de Direito, pelo Instituto Histórico e Geográfico, pelo Museu Nacional” (SANTOS, 2020, p. 348). Em suma:

Ciência da raça, da eugenia, da higiene, da modernização racionalizadora, da seleção social que procurava produzir um “povo” para uma nação que se inventava. O médico tinha um papel fundamental nessa “ação modernizadora”, expandindo sua ação do doente para a sociedade, tornando-se antropólogo e cientista social. (SANTOS, 2020, p. 348-349)

482

Nesse sentido, ao lado da tese sobre o destino do lixo, de 1914, o ensaio sobre a raça estabelece outra baliza, de maneira que higiene e eugenia se tornam as margens capazes de reconduzir a leitura da obra de Jorge de Lima. Antonio Carlos Santos retraza a linha do higienismo do escritor, lembrando que a tese de doutoramento do médico-poeta fora orientada por Afrânio Peixoto, desde 1906 titular da cátedra de Medicina Legal e Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, em 1918, membro da Sociedade Eugênica de São Paulo⁴, que por sua vez havia sido orientado por Raymundo Nina Rodrigues. Na tese, imediatamente no prefácio (intitulado “Antes do assunto”), destaca-se o tema da guerra:

Vale lembrar que o tema da guerra voltaria em *Anchieta* que, mais do que só uma biografia do jesuíta, é um elogio à guerra de conquista. O que fica, então, dessas considerações gerais que vêm “antes do assunto”, ou seja, da fundamentação da tese, é a ideia de guerra como lei natural, guerra contra os resíduos, os dejetos, as excreções que ameaçam uma vida saudável, limpa. O mesmo gesto presente na ação dos jesuítas, a limpeza da sujeira dos indígenas, e na análise da formação racial, o embranquecimento da população. (SANTOS, 2020, p. 357)

Com um movimento de aproximação e distanciamento, Jorge de Lima faz desses refugos (os detritos, os restos relacionados também aos corpos sujos, à rale) objetos de uma “instrução higiênica”. Ao lado do texto de Raúl Antelo, o que novamente se delineia com o ensaio de Antonio Carlos Santos

⁴ A Sociedade Eugênica de São Paulo estava organizada em torno de Renato Kehl (Cf. SOUZA, 2006).

é uma imagem ausente: Jorge de Lima, lulu, lobo e raposa. Um médico-poeta da elite do seu tempo, como tantos, formado pela banalidade do mal das teorias racistas, pela máquina positivista, pelo cristianismo; um poeta-médico extemporâneo, crítico do seu tempo, finissecular e também modernista, leitor sensível de Bergson, de Michaux e das qualidades imateriais da experiência.

1938, desastre, novo ruim, experiência

Como afirmei, à luz das duas leituras mencionadas, interessa-me retomar certos impasses da experiência moderna que ainda nos interrogam. Farei isso rapidamente, e a título de conclusão. Creio que, em muitos aspectos, intensificamos uma luta que, como vimos, segue acontecendo nos marcos da gestão da vida, das possíveis decisões entre a vida abandonada e a atualidade de uma vida que é – pode ser – tão precária quanto eterna; ou seja, que seguimos buscando os meios, os modos e os tempos mais oportunos para o fortalecimento de uma biopolítica que seja afirmativa da vida e resista, assim, à naturalização das máquinas de segregação, de silenciamento, de exploração e de morte. A principal diferença – indissociável, sem dúvida, das particularidades da perversa dinâmica neoliberal, que faz de Estados meros avatares das suas alianças financeiras sem limites – talvez recaia no grau de virtualização do mundo, jamais visto.

Se podemos dizer que, desde tempos imemoriais, o mundo sempre esteve assombrado por demônios, espíritos, ausências, paixões, enfim, virtualidades que justamente mobilizam a materialidade e seus sentidos; ou, nos termos de Benjamin, se uma remota mas sempre atuante *semelhança imaterial* está na base de qualquer leitura, de qualquer tradução e de todo enlace comunitário, o que vemos, hoje, é uma aposta exploratória que se robustece, precisamente, com uma inaudita rarefação dos corpos, com a atomização das singularidades e das vozes, com a abstração das posições políticas e das situações éticas, com a modulação das distâncias e das proximidades, das velocidades e das lentidões, com o afastamento dos suportes materiais das demandas do desejo. Mas não é só isso. Sua dinâmica é ainda mais complexa. Há vinte anos, Peter Pál Pelbart escreveu sobre as condições e aporias do *trabalho imaterial* na sociedade contemporânea.

Produzimos e consumimos imagens, informações, conhecimento; ou seja, produzimos e consumimos, principalmente, subjetividades. Através desses fluxos com os quais formatamos nossos gostos e condutas, sonhos e opiniões, nossos afetos, somos ao mesmo tempo produtores e consumidores, e produzimos e consumimos “cada vez mais maneiras de ver e de sentir, de pensar e de perceber, ou seja, *formas de vida*” (2000, p. 36). Desse modo,

[...] a condição do trabalho imaterial é a produção de subjetividade, o conteúdo do trabalho imaterial é a produção de subjetividade, o resultado do trabalho imaterial é a produção de subjetividade. Ou seja, a produção de subjetividade atravessa tanto o processo do trabalho quanto o seu produto.

Mas é preciso insistir: a subjetividade não é algo abstrato, trata-se da vida, mais precisamente, das *formas de vida*, das maneiras de sentir, de amar, de perceber, de imaginar, de sonhar, de fazer, mas também de habitar, de vestir-se, de se embelezar, de fruir etc. Se é um fato que a produção de subjetividade está no cerne do trabalho contemporâneo, é a vida que aí está em jogo. O trabalho precisa da vida como nunca, e seu produto afeta a vida numa escala sem precedentes. (PELBART, 2000, p. 37)

484

Nessas condições a crise da experiência parece ser levada ao paroxismo. E isso faz com que a reafirmação da vida – contra a mera gestão dos seus valores e das muitas formas da morte – requeira nossos maiores esforços; nosso pessimismo organizado, *por meio* da técnica, para a articulação da desilusão e da fidelidade. Insisto: a meu ver, nesse aspecto, a tarefa segue a mesma.

Assinalei anteriormente o ano de 1933: a experiência e a pobreza, em torno de Benjamin e de Jorge de Lima. Encerro assinalando outra cifra: 1938. Esse é o ano da publicação de *A túnica inconsútil*, livro em que lemos o poema em prosa “O grande desastre aéreo de ontem” (dedicado a Portinari).

Vejo sangue no ar, vejo o piloto que levava uma flor para a noiva, abraçado com a hélice. E o violinista em que a morte acentuou a palidez, despenhar-se com sua cabeleira negra e seu estradiváriu. Há mãos e pernas de dançarinas arremessadas na explosão. Corpos irreconhecíveis identificados pelo Grande Reconhecedor. Vejo sangue no ar, vejo chuva de sangue caindo nas nuvens batizadas pelo sangue dos poetas mártires. Vejo a nadadora

belíssima, no seu último salto de banhista, mais rápida porque vem sem vida. Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, como se dançassem ainda. E vejo a louca abraçada ao ramalhete de rosas que ela pensou ser o pára-quedas, e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu como um cometa. E o sino que ia para uma capela do oeste, vir dobrando finados pelos pobres mortos. Presumo que a moça adormecida na cabine ainda vem dormindo, tão tranqüila e cega! Ó amigos, o paralítico vem com extrema rapidez, vem como uma estrela cadente, vem com as pernas do vento. Chove sangue sobre as nuvens de Deus. E há poetas míopes que pensam que é o arrebol. (LIMA, 1997, p. 370)

485

Segundo o poema, há uma miopia na visão que encara o espetáculo. E sem dúvida é significativo: o desastre narrado foi *ontem*, ou seja, como uma notícia anacrônica, as imagens de um passado catastrófico nos interrogam agora, neste tempo crítico, enquanto somos arrastados para o futuro, mesmo que resistindo a ele. O que vemos são fatos em si ausentes, que portanto demandam um trabalho *a posteriori*, e são, por isso, a um só tempo, materiais e imateriais. Nesse sentido, a posição crítica cifrada no poema não se restringe em apontar os aspectos bárbaros da nossa modernidade, mas se estende à maneira de encará-los, ou melhor, é antes de tudo a crítica a uma visão objetiva, imediatista, “naturalista”, por assim dizer, dos fatos. É desse ponto que a crítica parte: do que está partido, da crise, do desastre de ontem. Ou, para dizer de outro modo: a verdade chega *só-depois*, e a miopia não é simplesmente a dificuldade de ver o que está distante, mas sim, mais propriamente, é um arrogo do olhar que não considera o quanto há nele de distanciamento, isto é, que não vê que o olhar *é* distância e diferença. *Lu-lu*. Se a modernidade se apresenta como um *caso*, é porque ele precisa ser construído por um poeta-crítico-médico como se numa espécie de clínica – não do sonho ou do delírio, mas do real⁵. Antes de desabar a modernidade,

⁵ Em conversa com Raúl Antelo – a quem agradeço a leitura deste texto – tomo conhecimento de nova notícia de ontem. Trata-se de *Lulu*, ópera inacabada (1927-1935) de Alban Berg, dedicada a Schönberg. Notável é que, em cada cena, Lulu é outra, o que consequentemente altera a sua fortuna. De início, Lulu é a esposa do Dr. Goll, um velho médico. Ela posa para o Pintor fazer seu retrato. Na cena seguinte, Lulu está casada com o Pintor. A seguir, Lulu trabalha como dançarina. No quadro seguinte, Lulu está casada com o Dr. Schön, ciumento dos admiradores da dama. Segue um intervalo que consiste num filme mudo, musicado por Berg, em que assistimos à prisão, ao julgamento e à condenação de Lulu. No seguinte, Lulu está vivendo em Paris. Lulu é chantageada pelo Acrobata e por uma prostituta para trabalhar num cabaré no Cairo. Lulu cai na mais absoluta pobreza e foge para Londres, onde trabalha como prostituta. A ópera tem estrutura poliédrica, porém

vem ao chão uma visão-de-mundo que é senhora de si e do que pretende ver. Como sabemos, nada é tão sólido que por si se baste; nada é tão sólido que não possa desmanchar-se no ar.

Também no ano de 1938, Benjamin visita pela terceira vez o amigo Bertolt Brecht, então exilado em Svendborg, Dinamarca. Em 25 de agosto, o filósofo faz uma breve anotação em seu diário íntimo, onde registra os debates, os confrontos, as partidas de xadrez; diário onde registra, em suma, uma experiência do impasse da experiência. Trata-se de “uma máxima brechtiana”, escreve ele, máxima que nada perdeu da sua força e precisão: “não partir do antigo bom, mas do novo ruim” (2017, p. 114). O *novo ruim*: eis de onde devemos partir para não acatar, sem mais, a catástrofe do “novo normal”, que nada mais é do que outra forma da mesma servidão à máquina. Valeria dizer, de acordo com Jorge de Lima: sim, eu mesmo sou lulu, lobo e sou raposa. Pois *lulu* é um coringa; carrega em sua diferença de si, em sua repetição diferida, algo mais que a mascote: atualiza também o lobo, a raposa, toda a potência das semelhanças imateriais. Eis – acredito – a exigência crítica que nos cabe.

486

Desterro, inverno de 2020,
ano da peste.

simétrica: os maridos de Lulu no primeiro ato são os mesmos cantores de seus clientes no terceiro. Há montagens, partituras e libreto disponíveis online.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Raúl. “Jorge de Lima: ressonâncias”. *Terra Roxa e Outras Terras*, vol. 38, p. 19-40, jun. 2020. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/40576/pdf#>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza”. In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (Obras escolhidas v. 1). 7 ed. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Ensaaios sobre Brecht*. Tradução Claudia Abeling. São Paulo: Boitempo, 2017.

Ernst Widmer 1927 – 1990. Werkverzeichnisse. Zusammenstellung und begleitende Texte: Willy Brüscheiler. Aarau: Ernst Widmer-Gesellschaft, 2008.

LIMA, Jorge de. *Poesia completa*. 3 vol. Organização Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio. Políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

SANTOS, Antonio Carlos. “Onde é que fica a minha ilha: formação e política racial em Jorge de Lima”. *Landa*, vol. 8, n. 2, p. 326-366, jun. 2020. Disponível em: <<http://www.revistalanda.ufsc.br/vol-8-n2-2019/>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

487

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. “Em nome da raça: a propaganda eugênica e as idéias de Renato Kehl nos anos 1910 e 1920”. *Revista de História Regional*, vol. 11, n. 2, p. 29-70, inverno 2006. Disponível em: <<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2230/1712>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

Resumo: Em sete de dezembro de 1933, Walter Benjamin publica “Experiência e pobreza”. Poucos dias antes, já circula “Mamãe máquina”, poema de Jorge de Lima. Os textos assinalam um gesto afim: desilusão e fidelidade, a um só tempo; uma disposição que é reforçada, a respeito de Jorge de Lima, com a leitura de artigos de Raúl Antelo e Antonio Carlos Santos. Em jogo, uma crítica da contemporaneidade que considera os impasses da experiência moderna que ainda nos interrogam.

Palavras-chave: Walter Benjamin; Jorge de Lima; Experiência; Técnica.

Abstract: On December 7, 1933, Walter Benjamin publishes “Experience and Poverty”. A few days before, “Mamãe máquina”, a poem by Jorge de Lima, was already circulating. The texts point to a similar gesture: disillusionment *and* fidelity, at the same time; an inclination that is reinforced, regarding Jorge de Lima, with the reading of articles by Raúl Antelo and Antonio Carlos Santos. At stake, a critique of contemporaneity that considers the impasses of modern experience that still question us.

Keywords: Walter Benjamin; Jorge de Lima; Experience; Technique.

Recebido em: 23/09/2020

Aceito em: 17/01/2021